

A situação e os mitos da mulher a partir de Simone de Beauvoir

Gabriela do Espírito Santo Marchiori

Graduanda na Universidade Federal do Paraná

E-mail: gabrielamarchiori2411@gmail.com

Resumo: Em sua obra *O segundo sexo “fatos e mitos”*, Simone de Beauvoir se propõe uma genealogia do ser mulher considerando a questão do que fez da mulher o “outro”. Isto porque, em sua análise existencial, a filósofa percebe a situação da mulher como a do inessencial e inautêntico. A mulher estranha a si mesma pois se constitui como o outro do homem. E, por sua vez, vista pelo olhar masculino, a mulher é o misterioso de duas faces, é tudo aquilo que o homem não é e não pode ser, o que faria da mulher o angustiante inexplicável da existência. Nesta alteridade negativa, é construída uma história da mulher no mundo e diversos mitos sobre o que é ser mulher, que resultam em uma *situação*. Evidentemente, uma situação opressiva, para a qual a autora considera ainda soluções, como a possibilidade de não se encerrar no destino materno e o ganho de poder aquisitivo — que livrariam as mulheres de sua sujeição social. Assim, expomos neste artigo como Simone de Beauvoir caracteriza a situação e os mitos da mulher, a fim de compreender porquê seria a mulher o segundo sexo.

Palavras-chave: Feminismo, Mulher, O outro.

I - O que é ser mulher?

“O que é a mulher?”. Esta é a pergunta que a filósofa existencialista, Simone de Beauvoir, coloca como pergunta inicial em sua obra *O segundo sexo*. Veremos que este “é” não busca uma essência, já que o existencialismo é contrário ao essencialismo, mas antes busca qual é a *situação* existencial

compartilhada pelas mulheres. Em uma espécie de genealogia¹ a autora busca identificar quais as características e que tipo de essência sempre foi colocado como necessário para considerar alguém como uma mulher. Considerando, evidentemente, isto de forma crítica, pois, se tal “essência” não poderia ser mais obscura do que é, é obscura justamente por não existir:

O conceitualismo perdeu terreno: as ciências biológicas e sociais não acreditam mais na existência de entidades imutavelmente fixadas que definiriam determinadas características como as da mulher; consideram o comportamento como uma reação secundária a uma *situação* (Beauvoir, 2016, p. 10).

Então, independentemente de não existir uma essência primeira que caracterize o feminino, existe uma *situação* que caracteriza estes seres no mundo. Esta situação se desvela como opressão, pois, na concretude da existência, a mulher não é considerada um sujeito autêntico, a mulher é o “outro” para o homem e para si mesma, já que não pode se efetivar na autenticidade. Enquanto o sujeito autêntico define a si mesmo, o inautêntico define a si como o outro do um. Logo, enquanto o homem é o “primeiro” e “essencial”, a visão que o homem tem da mulher é definidora para que a mulher estabeleça o que ela é:

Ela não é senão o que o homem decide que ela seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado; para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial.

¹ Procedimento que entrelaça os fatos históricos e filosóficos.

O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (Beauvoir, 2016, p. 13).

Em relação à situação da mulher como o “outro”, algumas questões se colocam. Se todo sujeito se define enquanto o “um” em oposição a todos os “outros”, por que com as mulheres não sucedeu o mesmo? Por que a mulher se definiu a partir do homem? De acordo com a autora, a mulher abriu mão de sua afirmação como sujeito porque aliar-se ao homem se mostrou um caminho mais fácil. A história foi constituída de maneira que a mulher se identificava mais com seus provedores do que com suas iguais.

O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela esquivava o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios. Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de se constituir em coisa. É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência autenticamente assumida (Beauvoir, 2016, p. 18).

Desta forma, se um dia a mulher se esquivou de sua liberdade como sujeito, hoje já não pode nem pretender a esta liberdade, tamanho foi o desenvolvimento da história criada pelos homens. Mas, sendo assim, como tudo isto veio a ocorrer? E o que ocorreu para que, até hoje, a mulher ser considerada a parte inessencial desta história?

II - A genealogia

Na primeira parte da obra, chamada “destino”, Beauvoir analisa os dados da biologia e chega a conclusão que a mulher não pode ser explicada apenas pelos fatores genéticos, porque o que faz a mulher ser “o outro” na sociedade patriarcal não se limita ao fator “fêmea” que a constitui. Entretanto, é necessário entender quais fatores biológicos influenciaram a situação da mulher na sociedade.

Comumente se pensa que a desvantagem da mulher reside em sua suposta fraqueza e reatividade corporal e que o homem, ganharia vantagem justamente aí, na medida em que ele seria mais forte e mais ativo. Que o corpo da mulher é menos resistente, aguenta menos peso e outros fatores, é algo que Beauvoir considera cientificamente plausível. Entretanto, a perspectiva filosófica que Beauvoir adota é a de que o corpo não é uma coisa, mas uma situação. Logo, a força do homem só pode ser vantajosa em algumas circunstâncias sociais. A “vantagem” da força não pode ser considerada como boa em si mesma. Mas, é de acordo com o “contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia” (Beauvoir, 2016, p. 65). Assim, se a força é considerada uma vantagem, é porque esta foi a narrativa que nossa sociedade construiu. Já o suposto valor “ativo” do homem viria da ideia de que o espermatozoide representa maior poder reprodutivo que o óvulo, o que é observado na narrativa simples de que o homem detém a semente e que a mulher é apenas a terra que a fertiliza. Novamente, isto se apresentará apenas como outro conto que prioriza o valor masculino em detrimento do feminino. O espermatozoide não detém força

mais ativa que o óvulo, pois, os processos reprodutivos são totalmente dependentes:

Em sua união, os dois gametas superam-se e perpetuam-se ao mesmo tempo, mas o óvulo, em sua estrutura, antecipa as necessidades futuras. É constituído de maneira a nutrir a vida que despertará nele. Ao contrário, o espermatozoide não está absolutamente equipado para assegurar o desenvolvimento do germe que suscita. Em compensação, o óvulo é incapaz de provocar a mudança que suscitará uma nova explosão de vida; ao passo que o espermatozoide se desloca. Sem a providência ovária, sua ação seria vã; mas, sem sua iniciativa, o óvulo não cumpriria suas possibilidades ativas. Logo, concluímos que, fundamentalmente, o papel dos dois gametas é idêntico: criam juntos um ser vivo em que ambos se perdem e se superam (Beauvoir, 2016, p. 41).

Ou seja, diferente de outras espécies onde um sexo pode possuir maior vantagem do que outro no processo reprodutivo, homens e mulheres são totalmente dependentes uns dos outros para manterem a engrenagem da vida rodando. Assim, o que habitualmente se caracteriza como sendo a desvantagem da espécie feminina, não passa de dados biológicos valorados de acordo com quem normalmente os produzia: os homens. A inferioridade da mulher não é ser fraca em força corporal ou ser passiva nas formas reprodutivas.

A real desvantagem da mulher, é estar presa ao domínio da natureza. A maternidade faz da mulher serva, já que em nome da espécie ela acaba por perder sua individualidade. Enquanto o homem “tem uma vida sexual que é normalmente integrada em sua existência individual: no desejo e no coito, sua superação na espécie confunde-se com o momento subjetivo de sua

transcendência: ele *é* seu corpo” (Beauvoir, 2016, p. 53). Já “a mulher, como o homem, é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa” (Beauvoir, 2016, p. 57). O corpo da mulher não encontra fim em si mesmo, ele está sempre preparado para gerar um corpo que é outro. Apesar de a gestação ser um fenômeno natural, “a gestação é um trabalho cansativo que não traz à mulher nenhum benefício individual e exige, ao contrário, pesados sacrifícios” (Beauvoir, 2016, p. 57). A mulher, já de início, independentemente da situação que se encontra, terá sempre mais dificuldade em desenvolver uma individualidade, pois, seu próprio corpo a condena a estar sempre cuidando de uma vida que não é a sua. Assim, estes são os dados coletados por Beauvoir para explicar em qual aspecto o corpo da mulher a coloca em uma situação diferente da do homem.

Ainda na primeira parte do livro, a autora explicita as contribuições ou não contribuições da psicanálise e do materialismo histórico. A contribuição da psicanálise teria sido:

considerar que nenhum fator intervém na vida psíquica sem ter revestido um sentido humano; não é o corpo-objeto descrito pelos cientistas que existe concretamente e sim o corpo vivido pelo sujeito [...] Há dados biológicos essenciais e que não pertencem à situação vivida [...] Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade (Beauvoir, 2016, p. 67).

Entretanto, a psicanálise tampouco conseguiu explicar a condição da mulher, já que nunca a olhava de frente, mas sempre de um distante olhar masculino. Que a mulher seja o que é por não ter falo, não explica o que é a mulher. A psicanálise tem determinismos de significação cheios de prejuízos.

Pretendem que as suas significações brotaram da terra ou caíram do céu, mas a verdade é que foram criadas por homens. Assim, seus estudos hesitam em ver a mulher entre dois papéis: masculino e feminino, mas, não explicam porque consideram o masculino como o ativo e o feminino como o passivo. Em suma, não explicam o que é a mulher.

O materialismo histórico por sua vez entregou a contribuição de que

A humanidade não é uma espécie animal: é uma realidade histórica. A sociedade humana é uma antíphesis: ela não sofre passivamente a presença da Natureza, ela a retoma em suas mãos. Assim, a mulher não poderia ser considerada apenas um organismo sexuado (Beauvoir, 2016, p. 83).

Colocando a mulher na história humana moderna, na qual existem máquinas e pode haver auxílios à maternidade, a “inferioridade” biológica da mulher já não é fator determinante; ela não necessita de força bruta, pode manusear qualquer máquina da mesma forma que o homem, e a servidão da maternidade pode ser mais leve em algumas situações. Desta forma, o materialismo histórico verá a mulher como um ser social-econômico e acreditará que existirá um problema feminino apenas enquanto elas não forem economicamente dependentes. Beauvoir acredita ser este um ponto muito relevante, mas seguindo a doutrina existencialista, o materialismo histórico lhe parece um monismo econômico, já que: “por baixo dos dramas individuais como da história econômica da humanidade, há uma infraestrutura existencial que permite, somente ela, compreender em sua unidade essa forma singular que é uma vida” (Beauvoir, 2016, p. 90). Assim, aceitando as contribuições da biologia, da psicanálise e do materialismo histórico, Beauvoir ainda buscará

qual o valor existencial que constituiu a mulher como o “outro” na sociedade moderna.

A forma mais concreta com que Beauvoir explica a situação da mulher é a partir da história. Assim, devemos pensar porque a história se desenvolveu de forma que o homem dominasse a mulher e ela o permitisse. A autora inicia a narração da história da mulher a partir das hordas primitivas, mas nos alerta que “as informações que fornecem os etnógrafos acerca das formas primitivas da sociedade humana são terrivelmente contraditórias” (Beauvoir, 2016, p. 95). Apesar disto, que a mulher fosse destinada a parir e nada mais, é o mais provável, já que períodos contínuos de gravidez as absorviam de qualquer outra atividade. Os homens, por outro lado, gastavam todo o seu tempo tentando extrair recursos da infecunda terra que habitavam. O resultado disto é que “nasciam crianças demais em relação aos recursos da coletividade; a fecundidade absurda da mulher impedia-a de participar ativamente na ampliação desses recursos, ao passo que criava indefinidamente novas necessidades” (Beauvoir, 2016, p. 96). A relação com os filhos, como se pode esperar, era muito diferente da dos dias de hoje, mais do que um herdeiro, um filho representava um encargo. Além dos múltiplos infanticídios, muitos recém-nascidos morriam pela indiferença, assim, nos diz Beauvoir que “a mulher que engendra não conhece, pois, o orgulho da criação; sente-se o joguete passivo de forças obscuras, e o parto doloroso é um acidente inútil e até importuno” (Beauvoir, 2016, p. 97). Assim, não há nada que faça a mulher se desenvolver como indivíduo, ela permanece presa no seu destino biológico. Já o homem, é *homo faber* desde o princípio; por necessidade, teve que aprender a criar o que pudesse superar o presente. Foi neste movimento que os homens

começaram a ver como altivo a morte, e não a vida. Dar a luz é um papel possível de ser desempenhado por qualquer animal. Matar e dominar inimigos e territórios é algo que o homem macho realiza como sua tarefa de afirmação da existência. A tarefa do homem:

tem outra dimensão que lhe dá sua suprema dignidade, e ela é amiúde perigosa. Se sangue não passasse de alimento, não teria mais valor do que o leite; mas o caçador não é um carniceiro: na luta contra os animais selvagens corre riscos. O guerreiro põe em jogo a própria vida para aumentar o prestígio da horda e do clã a que pertence [...] Não é dando a vida, é ariscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis porque, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra, e sim ao que mata (Beauvoir, 2016, p. 99).

Assim, nossa questão inicial do porque a mulher se submeteu ao homem já começa a ser explicada aqui. Não é servindo a natureza, mas é dominando-a e superando seus limites que o homem transcende seu destino biológico de repetição da vida. Todavia, foi o homem que ficou encarregado da criação de um futuro diferente, e a mulher apesar de não ter sido possibilitada a se empenhar na criação transcendente, mas apenas na criação da repetição, foi cúmplice do homem porque “ela é também um existente, ela é habitada pela transcendência e seu projeto não está na repetição, mas na sua superação em vista de um futuro diferente; ela acha no fundo de seu ser a confirmação das pretensões masculinas” (Beauvoir, 2016, p. 99). Foi através deste movimento existencial e biológico que nas hordas primitivas o homem se tornou senhor e a mulher serva.

Porém, com a descoberta da agricultura, a ideia da vida ganha mais louvor que a ideia de morte. Fixados num lugar, representando um clã “a

comunidade pensa sua unidade e quer existência além do presente: reconhece-se nos filhos, reconhece-os como seus, neles se realiza e se supera” (Beauvoir, 2016, p. 102). A função reprodutiva da mulher é vista como tão sagrada como a terra que dá frutos. A mulher era confiada aos trabalhos agrícolas por acreditarem que sua fertilidade seria de algum modo passada as plantações. Entretanto, por conter mistérios insondáveis aos homens, tanto a mulher quanto a natureza eram vistas como magias obscuras. O homem tenta dominar e fertilizar o solo, mas ainda se sente passivo frente a “natureza que distribui ao acaso a existência e a morte” (Beauvoir, 2016, p. 103). Então, apesar de neste período a mulher ter um aspecto mais positivo, ela continua a ser vista como o “outro”, pois:

é importante sublinhar que mesmo nas épocas em que ainda se sentia confundido ante os mistérios da Vida, da Natureza, da Mulher, nunca abdicou de seu poder; o homem permanece como senhor, como é o senhor da terra fértil; ela destina-se a ser dominada, possuída, explorada, como o é também a natureza, cuja mágica fertilidade ela encarna (Beauvoir, 2016, p. 108).

Então, mesmo nestas filiações uterinas, o homem com seu princípio transcendente já procura meios de se desvencilhar da Mulher-Terra, mesmo que ainda não possua meios reais de superar a condição de esperar da terra os frutos de que necessita. A forma que encontra de se “libertar” de seu clã e de suas contenções se dá na prática da exogamia. Procurando uma esposa de outro clã para se anexar e dominar, o homem se desprende de suas raízes. E, assim,

o que o homem deseja possuir é o que ele *não é*; une-se ao que se lhe afigura Outro. Não deve, portanto, a esposa participar do *mana* do esposo, precisa ser-lhe

estranha, logo, estranha ao clã. O casamento primitivo funda-se, por vezes, num rapto real ou simbólico...Conquistando a mulher pela força, o guerreiro prova que soube anexar-se uma riqueza alheia e derrubar as barreiras do destino que seu nascimento lhe designara (Beauvoir, 2016, p. 109).

Enfim, a exogamia é a forma que o homem encontra tanto de fugir de sua mãe, quanto de expandir seu domínio e criação: “ele aspira evadir-se do círculo” (Beauvoir, 2016, p. 109). Assim, sem muita demora o homem encontrou meios para afirmar por fim o princípio masculino. Com a passagem da pedra para o bronze o homem já não depende do acaso da natureza, ele “molda a ferramenta de acordo com seu objetivo, impõe-lhe com as mãos a forma de seu projeto; diante da natureza inerte, que lhe resiste, mas que ele vence” (Beauvoir, 2016, p. 110). Assim, se os mistérios da natureza já não são necessários para a perpetuação da vida, se o homem já sabe como dominar o solo e é ele mesmo o perpetuador da vida, não há razão para se submeter a Terra-Mãe. Tudo aquilo que é inexplicável e fora de acesso do homem e de sua razão dominante do mundo, passa então a ser visto como o mal.

O patriarcado se estabelece definitivamente, a mulher permanece em sua condição servil e procriadora. Mas, existe algo interessante que Beauvoir chama a atenção: porque os homens não encaram a mulher com a mesma benevolência que encaram outros subordinados como as crianças e os animais? As “virtudes ambivalentes” da mulher fizeram com que de sagrada ela fosse vista como profana. O mistério é visto negativamente por aqueles que acreditam deter a razão do mundo. A mulher representa agora aquilo que é indomável e ininteligível. Assim como Eva não resiste as tentações daquilo que não se deveria conhecer, Pandora tampouco acata as ordens do “pai

supremo”, acabando por desencadear todos os males do mundo. A mulher acaba por ser assim a “diversidade que quebra a unidade, a matéria oposta à forma, a desordem que resiste à ordem” (Beauvoir, 2016, p. 116). Mas, apesar disto, a mulher é necessária para a perpetuação do homem, de forma que ela será muito bem-aceita se, como no cristianismo, ela for virgem, casta e dócil. É a face dupla da mulher que permanecerá como uma “dificuldade” ao homem, que ora pretende vê-la como serva e ora como companheira e, que, sem dúvida, refletirá na história da mulher.

Já nos tempos modernos, a opressão da mulher se realiza no desejo (do homem) da perpetuação da família ao mesmo tempo em que deseja manter intacto os seus bens. Filhos e bens não são coisas que divide o homem com sua mulher, já que de toda forma, ela é um de seus bens. A mulher constitui a propriedade privada, ora do pai, ora do esposo, o que constitui afinal o patriarcado. E apesar de isto não ser uma lei universal da história, cada território e estado detinham sua maneira particular de opressão as mulheres, que com muitas ou poucas diferenças, ainda possuíam a mesma intencionalidade.

Entre os séculos XV e XIX alguma mudança começa a ser percebida — embora inicialmente voltada apenas nas classes privilegiadas. Rainhas e santas não detêm poucas possibilidades de ser, o que demonstra “com brilho, que uma mulher pode elevar-se tão alto como um homem quando por um espantoso acaso as possibilidades de um homem lhe são dadas” (Beauvoir, 2016, p. 151). No século XVI algumas damas começam a se distinguir “pelo espírito, pela sua influência intelectual e por seus escritos” (Beauvoir, 2016, p. 151). No século XVII o mesmo acontece, é pelo viés intelectual que alguma

distinção se dá. No século XVIII “os costumes em princípio permanecem severos: a jovem recebe apenas uma educação sumária; é casada ou encerrada num convento sem que a consultem” (Beauvoir, 2016, p. 152). Entretanto, certa liberdade já se mostra através da contestação desta falta de liberdade. Escritoras, escritores e filósofos começam a voltar-se a causa das mulheres. Virginia Woolf é um exemplo formidável com seus muitos escritos; dentre eles, o que Beauvoir ressalta é “Um quarto só para si”, no qual Woolf inventa uma suposta irmã para Shakespeare, tão talentosa como ele, mas que remenda trapos enquanto ele aprende latim. De nomes hoje ainda conhecidos, *La bruyère*, Voltaire, Diderot e Condorcet são alguns dos que consideravam a situação da mulher uma injustiça.

Imaginaríamos então que o período das luzes retiraria as mulheres da sombra — mas, não foi o que aconteceu. “A revolução burguesa mostrou-se respeitosa das instituições e dos valores burgueses; foi feita quase exclusivamente pelos homens” (Beauvoir, 2016, p. 158). As mulheres burguesas também não ousaram manifestar reivindicações, já que seus privilégios de classes representavam um interesse maior do que seus interesses próprios. Já que, afinal, quem lhes dava sua “classe” econômica eram seus maridos. Assim, a mulher burguesa tem noção de que:

libertada do homem, seria condenada ao trabalho; pode lamentar não poder ter sobre a propriedade privada senão direitos subordinados aos do marido, porém deploraria ainda mais que essa propriedade fosse abolida; não sente nenhuma solidariedade com as mulheres da classe proletária: está muito mais próxima do marido do que das operárias da indústria têxtil. Faz seus os interesses do marido. (Beauvoir, 2016, p. 163).

De toda forma, a história segue e “provoca a emancipação da classe laboriosa e, correlativamente, a da mulher” (Beauvoir, 2016, p. 163). Mas, mesmo que os ideais socialistas visassem a igualdade dos sexos, a revolução do trabalho não resultou uma verdadeira revolução na vida das mulheres. Além de exploradas, não juntavam forças para reivindicar melhorias e assim, só tardiamente foram regulamentados os serviços femininos. Porém, como a mulher continuava como constituinte da família conjugal, ela não necessitava de autossustento, mas trabalhava apenas para alguma ajuda na casa. Resultado disto, os salários eram baixos e aceitos deste modo, sendo que os trabalhos realizados pelas mulheres eram os mesmos dos homens. Tal fato não era de pouca estima dos contratantes, que detinham mão de obra barata, mas, para os operários isto tudo aparecia de forma hostil, por temerem seus próprios cargos. Além disto, a mulher tem um problema fundamental com o trabalho, que é conseguir conciliar o labor econômico com o seu serviço mais fundamental: o reprodutor. Função reprodutora que “na origem da história, vota a mulher ao trabalho doméstico e a impede de participar da construção do mundo” (Beauvoir, 2016, p. 171). Só livre de seu papel reprodutor que a mulher pode se integrar na sociedade, necessário para isto então métodos contraceptivos. Métodos tais que a moral religiosa impossibilitou e até hoje tentam impossibilitar de maneira contínua. A autora encerra sua história do segundo sexo, declarando que:

Pelo fato de ter tomado consciência de si e de poder libertar-se também do casamento pelo trabalho, a mulher não aceita a sujeição com docilidade. O que ela desejaria é que a conciliação da vida familiar com um ofício não exigisse dela desesperantes acrobacias. Mesmo assim, enquanto subsistem as tentações da

facilidade — em virtude da desigualdade econômica que favorece certos indivíduos e do direito reconhecido à mulher de se vender a um desses privilegiados —, ela precisa de um esforço moral maior que o do homem para escolher o caminho da independência (Beauvoir, 2016, p. 195-196).

Beauvoir conclui, então, que a libertação da mulher só se daria através da possibilidade de ela não se encerrar no destino materno e não ver no homem seu sustentador, ou seja, a inclusão efetiva no mundo econômico. Mas, um problema continua fundamental e muito mais evidente hoje, 70 anos após a publicação de *O segundo sexo*. A liberdade econômica e biológica foi por muitas mulheres conquistadas, em sua vida prática, elas são independentes de homens e de filhos. Entretanto, de alguma forma não conseguiram quebrar a imagem do ser mulher que o homem construiu. Em tal ponto, novamente palavras escritas 70 anos atrás continuam sendo verdadeiras: “Em conjunto, elas ainda se encontram em situação de vassalas. Disso decorre que a mulher se conhece e se escolhe, não tal como existe para si, mas tal qual o homem a define” (Beauvoir, 2016, p. 196).

Vemos assim que a história se transformou, mas as ideias que definem o que é a mulher continuam sendo as mesmas de sempre. Isto se mostra na luta das mulheres nos dias atuais, que continuam tendo que reelaborar sua própria imagem construída pelo homem — que via de regra, só consideram mulher aquilo que têm em sua mente que ela deveria continuar a ser. Entretanto, as mulheres agora se veem no impasse de decidir o que são ou o que querem ser. E, para realizar isto, talvez seja necessário observar em quais personagens a figura da mulher foi criada historicamente. Tomando consciência dos mitos fundadores, podemos mostrar suas contradições e

observar como eles não nos definem inteiramente. Os homens criaram seu destino; é tempo de criarmos o nosso.

III - Os mitos

Com a história vimos como se deu a concretização do papel do homem de sujeito e o da mulher como o “outro”. Todavia, para se denominar o sujeito, é necessário ter consciência de um outro, que lhe é oposto. Se, para o homem, a natureza é o outro total, não realizando oposição efetiva, a mulher é para o homem “uma consciência separada da minha e idêntica a ela” (Beauvoir, 2016, p. 200). Ou seja, um meio pelo qual ele pode efetivamente se afirmar pela diferenciação. Pois, “é a existência dos outros homens que tira o homem de sua imanência e lhe permite realizar a verdade de seu ser, realizar-se como transcendência, como fuga para o objeto, como projeto” (Beauvoir, 2016, p. 200). Mas, se frente a um igual, o homem se sente em perigo, é na mulher que ele se realiza. A mulher é para o homem:

o intermédio desejado entre a natureza exterior ao homem e o semelhante que lhe é por demais idêntico. Ela não lhe opõe nem o silêncio inimigo da natureza, nem a dura exigência de um reconhecimento recíproco; por um privilégio único, ela é uma consciência e no entanto parece possível possuí-la em sua carne (Beauvoir, 2016, p.200).

A autora Susan Griffin também demonstra muito bem de que maneira a mulher é vista aos olhos do homem:

Ele diz que a mulher fala com a natureza. Que ela escuta vozes vindas das profundezas da terra. Que o vento sopra em suas orelhas e as árvores sussurram para ela.

Que a morte canta através de sua boca e que o choro das crianças é claro para ela. Mas para ele este diálogo está acabado. Ele diz não fazer parte deste mundo, que ele está neste mundo como um estranho. Ele define a si próprio como separado da mulher e da natureza (Griffen, 1978, p. 05)².

Quando o homem define a mulher como o “outro”, e a mulher por sua vez não se define — ou seja, não cria um mito para si própria, quem o faz é o homem. A criação de mitos sempre foi uma necessidade humana para explicar ou criar uma narrativa para tudo aquilo que é. Entretanto como ele não é um objeto móvel, mas “habita as consciências sem nunca postar-se diante delas... é por vezes tão fluido, tão contraditório que não se lhe percebe, de início, a unidade” (Beauvoir, 2016, p. 203). O mito do ser mulher têm uma unidade, porém, ela é dupla. Por representar ao homem tudo aquilo que ele deseja e teme, o necessário e o inalcançável, a vida e a morte, a mulher é definida como o ambivalente por excelência. A essência da mulher aos olhos do homem, é ter uma dupla face.

Assim, o destino biológico da mulher é dar a vida, e é deste modo que o homem a enxerga. Se, por um lado, isto faz da mulher um ser louvável, por outro ela é repugnante. O homem que colocou como sua essência o transcendente, vê seu corpo não como vida, mas como a certeza iminente da morte. Ele desejaria ser espírito absoluto, em sua condição carnal, ele se

² “*He says that woman speaks with nature. That she hears voices from under the earth. That wind blows in her ears and trees whisper to her. That the dead sing through her mouth and the cries of infants are clear to her. But for him this dialogue is over. He says he is not part of this world, that he was set on this world as a stranger. He sets himself apart from woman and nature*” (tradução livre do autor).

considera um deus destronado. Ter nascido só lhe dá certeza de sua gratuita e infortuna morte.

O culto da germinação sempre se associou ao culto dos mortos. A Terra-Mãe encerra em seu seio as ossadas de seus filhos. São as mulheres — Parcas e Moiras — que tecem o destino humano; mas são elas igualmente que cortam os fios. Na maioria das representações populares, a morte é a mulher, e é às mulheres que cabem chorar os mortos, porquanto a morte é obra sua. Tem assim, a Mulher-Mãe um rosto de trevas: ela é o caos de que tudo saiu e ao qual tudo deve voltar um dia; ela é o Nada (Beauvoir, 2016, p. 207).

O medo do homem frente a morte necessária a vida cria também diversos tabus sobre a fertilidade da mulher, que assim que ganha a possibilidade de concepção, é vista como impura. Impureza esta por muito significada no horror masculino ao sangue menstrual: o que mais carrega em si a ideia de vida e morte. Contrário senso, o sangue da desvirginização é um motivo de orgulho nas sociedades patriarcais, pois ele é a prova da dominação do homem, que toma a mulher, seu hímen e sua virgindade como posse.

A associação da mulher como natureza também demonstra o desejo de dominação presente no homem.

Para o marinheiro, o mar é uma mulher perigosa, pérfida, difícil de conquistar mas que ele ama através de seu esforço para domá-la. Orgulhosa, rebelde, virginal e má, a montanha é uma mulher para o alpinista que a quer violar ainda que correndo perigo de morrer (Beauvoir, 2016, p. 219).

Assim, mesmo que a mulher represente a força suprema daquela que dá e tira a vida, ela também representa para o homem um meio pelo qual ele pode tentar dominar a natureza. Uma das formas por qual tal dominação se

dá é na exigência da beleza "pois, apertando nos braços uma coisa viva só pode encantar-se com ela esquecendo que toda vida é habitada pela morte" e assim "exige-se que seu corpo ofereça as qualidades inertes e passivas de um objeto" (Beauvoir, 2016, p. 220). Em algumas épocas o ideal de beleza se apresenta na mulher gorda, em outros na mulher extremamente magra, mas o ideal por trás do ideal é que a mulher seja sempre impotente, pois, em um caso o corpo é “amolecido pela gordura” e em outro é “tão diáfano que qualquer esforço lhe é proibido” (Beauvoir, 2016, p. 221). O adorno vem também para corroborar a função de petrificação da mulher, pois, o embelezamento oculta a deterioração natural de tudo aquilo que é carne.

Na mulher enfeitada, a Natureza está presente mas cativa, moldada por uma vontade humana segundo o desejo do homem. Uma mulher é tanto mais desejável quanto mais se acha nela desabrochada e escravizada a natureza; a mulher “sofisticada” sempre foi o objeto erótico ideal. E a predileção por uma beleza mais natural não passa, muitas vezes, de uma forma especiosa de sofisticação (Beauvoir, 2016, p. 222).

Enquanto a mulher é posse do indivíduo, é preciso transformá-la em ídolo — não porque assim ela será louvada como superior, mas porque a transformando em ideia, a alteridade não se faz necessária. A mulher é sempre associada à natureza, mas, assim como a natureza, ela apresenta vários aspectos: fecundidade, vida, envelhecimento, morte. Esteticamente a mulher sempre teve que representar ao mesmo tempo o natural e o antinatural. O homem exige da mulher então que além de *physis* ela se apresente como *antiphysis*. Isto porque o homem vai como caçador tentar aprisionar a vida, mas ao se deparar com sua segunda face, a morte, se assusta. Assim, se a jovem e bela mulher precisa ser adornada para ser adorada, a mulher velha e estéril

suscita “um ódio empregado de medo”. Tudo isto pois o caráter essencial do dualismo projetado à mulher é o de vida e morte: “o que o homem ama e detesta antes de tudo na mulher, amante ou mãe, é a imagem imóvel de seu destino animal, é a vida necessária à sua existência, mas que a condena à finitude e à morte” (Beauvoir, 2016, p. 229). Através desta imagem dualista primeira, várias personagens representativas do ser mulher são criadas.

No cristianismo duas figuras centrais definem o duplo mulher: Eva e a Virgem Maria. Enquanto adão foi criado para louvar Deus, Eva foi criada a partir de Adão para lhe tirar de sua solidão. Seu destino primeiro era servir de objeto amado, mas, ela não só sai de seu papel passivo quando comete o pecado original, também leva seu marido ao pecado, sendo ambos expulsos do paraíso. Por um lado, Eva representa o lado vil, ela foi criada da carne do homem e já é corrompida em essência. Com este papel Eva é um eterno lembrete aos homens para que não confiem nas mulheres. Por outro lado, a Mãe de Deus ou Virgem Maria foi a primeira mãe a se ajoelhar e se colocar como inferior ao filho. Isto porque é só pelo papel de mãe que a mulher pode ser amada no cristianismo. Entretanto, até o poder materno lhe é tirado, pois a mãe de deus, além de tudo, precisa ser virgem, pois a vida e a morte já não são dependentes dos caprichos femininos, agora são assuntos decididos por deus.

Não há mais lugar na terra para a magia: Deus é o único rei. A natureza é originalmente má, porém diante da graça é impotente. A maternidade, como fenômeno natural, não confere nenhum poder. Só resta, portanto, à mulher, se quiser superar em si mesma a tara original, inclinar-se diante de Deus cuja vontade a escraviza ao homem. E mediante essa submissão, ela pode assumir novo papel na mitologia masculina [...] Desde que foi

escravizada como Mãe, é primeiramente como mãe que será querida e respeitada (Beauvoir, 2016, p. 237).

Assim nasce a mãe devota, a figura mais útil da mulher para a sociedade. Agora, cabe a mãe amar aos filhos mais do que a ela mesma, e é responsabilidade materna a criação e a educação moral dos filhos: ela se apresenta agora como a guardiã da moral e dos costumes. Ela é nas palavras irônicas de Virginia Woolf, “o anjo do lar”³. Os homens a amam ou a odeiam quanto mais amam ou odeiam a moral e os costumes. Não obstante, o respeito que se lança a mãe, se esvai e se alivia frente a figura da sogra.

Ele detesta que a mulher amada tenha sido engendrada: a sogra é evidentemente a imagem da decrepitude a que votou a filha ao dá-la à luz; sua obesidade, suas rugas, anunciam a obesidade, as rugas da jovem esposa cujo

³“Naqueles dias — os últimos da rainha Vitória — toda casa tinha seu Anjo. E, quando fui escrever, topei com ela já nas primeiras palavras. Suas asas fizeram sombra na página; ouvi o farfalhar de suas saias no quarto. Quer dizer, na hora em que peguei a caneta para resenhar aquele romance de um homem famoso, ela logo apareceu atrás de mim e sussurrou: “Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria. E principalmente seja pura”. [...] Fui para cima dela e agarrei-a pela garganta. Fiz de tudo para esganá-la. Minha desculpa, se tivesse de comparecer a um tribunal, seria legítima defesa. Se eu não a matasse, ela é que me mataria. Arrancaria o coração de minha escrita. Pois, na hora em que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo. E, segundo o Anjo do Lar, as mulheres não podem tratar de nenhuma dessas questões com liberdade e franqueza; se querem se dar bem, elas precisam agradar, precisam conciliar, precisam — falando sem rodeios — mentir. Assim, toda vez que eu percebia a sombra de sua asa ou o brilho de sua auréola em cima da página, eu pegava o tinteiro e atirava nela” (Woolf, 2018, p. 12-13).

futuro assim tristemente se prefigura; ao lado da mãe, essa jovem esposa não se apresenta mais como um indivíduo, e sim como o momento de uma espécie; não é mais a presa desejada, a companheira querida, porque sua existência singular se dissolve na vida universal (Beauvoir, 2016, p. 240).

Se a velhice e feiura da sogra causa arrepios aos olhos dos homens, é por verem que a esposa como objeto adquirido cedo ou tarde perderá seus atrativos que a faziam ser um objeto desejado. Isto, pois, a esposa é para o homem o mesmo que são suas terras e riquezas para ele: propriedades que carregam seu nome e demonstram seu poder. Cada cultura apresentará o valor da mulher como constituinte da propriedade privada e patriarcal, de forma diversa. Nas sociedades burguesas, a mulher serve para manifestar o poder do marido sendo bonita ou inteligente. Em algumas sociedades orientais, quanto mais gorda a esposa é, mais se sabe que seu marido tem poder de alimentá-la. Já os mais pobres contentam-se em colocarem suas mulheres como detentoras de qualidades serviçais e morais. Os muçulmanos, por sua vez, como não apoiam a exibição das qualidades da mulher, admiram a quantidade, logo, quanto mais esposas têm, mais um homem é considerado. Além disto, a esposa em sociedade, assume o mesmo papel fundamental que tinha em estado primitivo: “ela ainda é natureza, mas com todas as virtudes úteis à sociedade, à família, ao chefe da família” (Beauvoir, 2016, p. 242).

Tais são os papéis que foram delegados às mulheres: para serem legitimadas pela sociedade devem estar anexas ao homem, ora como boa mãe, ora como boa esposa. Entretanto, sempre que olham para as mulheres, principalmente as que não estão salvaguardadas por estes papéis, o homem só consegue enxergar uma terrível contradição. Isto porque o homem que

naturalmente tem contradições em si, só poderia inventar uma ideia de mulher contraditória.

Eles inventaram-na. Mas ela existe também sem essa invenção. Eis por que é, ao mesmo tempo, a encarnação do sonho masculino e seu fracasso. Não há uma só representação da mulher que não engendre de imediato a imagem inversa: ela é a Vida e a Morte, a Natureza e o Artificio, o Dia e a Noite. Sob qualquer aspecto que a consideremos, encontramos sempre a mesma oscilação pelo fato de que o inessencial volta necessariamente ao essencial. Nas figuras da Virgem Maria e de Beatriz subsistem Eva e Circe (Beauvoir, 2016, p. 254).

Por assim ser, apesar de termos visto que é exorbitante o movimento de associação da mulher à natureza, ao carnal, ao terreno, já que assim pode-se culpá-la de antemão como responsável pelos pecados do mundo, mantendo-a contida, embora essa não seja a única forma de transformar a mulher em “outro”. Se a mulher pode ser o outro por ser demasiado imanente e terrena ao homem, ela pode também ser demasiado transcendente para ele alcançá-la. Assim surge o “eterno feminino”, um movimento aparentemente contrário ao da assimilação da mulher à natureza, é a assimilação da mulher às ideias eternas. O eterno feminino proclama que a mulher possui um profundo segredo sobre a verdade do mundo, de forma que tudo que ela é e representa, é justificado como contendo uma verdade que os homens não conseguem alcançar. A mulher surge espiritualizada e sublime, assim a figura feminina é utilizada para compor a imagem das cidades, dos países, da casa, do lar: a mulher é a “alma” de todas estas coisas.

Essa verdade enterrada na noite das coisas resplende também no céu. Perfeita imanência, a Alma é ao mesmo tempo o transcendente, a Ideia. Não somente as cidades

e nações mas também entidades e instituições abstratas apresentam traços femininos: a Igreja, a Sinagoga, a República, a humanidade são mulheres, e também a Paz, a Guerra, a Liberdade, a Revolução, a Vitória. O ideal que o homem põe diante de si como o Outro essencial, ele o feminiza porque a mulher é a figura sensível da alteridade; eis porque quase todas as alegorias, tanto na linguagem como na iconografia, são mulheres (Beauvoir, 2016, p. 245).

Fica claro então a suposta duplicidade da mulher, se ela pode ser vida e morte, natureza e idealidade, é porque ela é um mito. Por ser a mais acabada e inacabada criação do homem, a mulher é tudo aquilo que ele quer e não quer, que deseja, mas não alcança. A mulher, por ser essencialmente o outro, representa tudo de confuso que o homem vê no mundo. Ela é vida e morte, santa e puta, mãe e amante, sagrada e profana. Para cada mãe, cada esposa, criarão uma madrasta, uma sogra. Existe todo tipo de mito e perfil para tentar definir o que é a mulher. Mas, no final, ela é tudo. Tudo o que o homem não é e nem pode ser. Tudo que ele deseja e teme e é por ser desejo e aversão do homem, que a mulher é vista como o eterno duplo. A “mulher” como criação masculina é o reflexo de todos os seus medos e desejos, por isto apresenta duas faces. O motivo pelo qual alguns homens veriam a mulher sob um aspecto e outros sob outro aspecto, Beauvoir guarda a solução à psicanálise, mas, deduz que a maneira com que o homem se comporta com a esposa tem de ter relação com a maneira com que ele via a mãe. Assim, se a mãe foi vista e desejada em seu aspecto carnal, o homem verá isso também em outras mulheres. Se o homem sentiu desgosto ao perceber a mãe como um ser carnal e tentou esquecer isto, provavelmente haverá reflexos na relação com outras mulheres. De acordo com Beauvoir, isto aconteceria porque “cada mulher é

habitada pela essência geral da Mulher, logo da Mãe, é certo que a atitude em relação à Mãe repercutirá nas relações com a esposa e as amantes; porém menos simplesmente do que muitas vezes se imagina” (Beauvoir, 2016, p. 265).

IV – Conclusão

Vimos então qual o processo histórico que colocou a mulher como o outro, tirando sua capacidade de tornar-se sujeito, e como, por fim, os homens criaram definições e limitações para o que a mulher é ou poderia ser. Em resumo a mulher é:

tudo a que o homem aspira e tudo o que não alcança. Ela é a sábia mediadora entre a Natureza propícia e o homem: é a tentação da Natureza indomada contra toda a sabedoria. Do bem ao mal, ela encarna carnalmente todos os valores morais e seus contrários; é a substância da ação e o que se lhe opõe, o domínio do homem sobre o mundo e seu malogro [...] Serva e companheira, ele espera que ela seja também seu público e juiz, que ela o confirme em seu ser; mas ela o contesta com sua indiferença, e até com seus sarcasmos e risos. Ele projeta nela o que deseja e o que teme, o que ama e o que detesta. E se é tão difícil dizer algo a respeito é porque o homem se procura inteiramente nela e ela é Tudo. Só que ela é Tudo à maneira do inessencial: é todo o Outro. E, enquanto outro, ela é também outra e não ela mesma, outra e não o que dela é esperado. Sendo tudo, ela nunca é isso justamente que deveria ser; ela é perpétua decepção, a própria decepção da existência que não consegue nunca se atingir nem se reconciliar com a totalidade dos existentes (Beauvoir, 2016, p. 267).

Ademais, Beauvoir acreditou que para que a mulher saísse de sua condição, ela deveria conquistar os meios materiais de sobrevivência independente e conquistar lugares na sociedade que a possibilitassem ser mais do que a procriadora por excelência. Entretanto, hoje vemos que, apesar de muitas mulheres, longe de ser a regra, terem conquistado esses lugares de sujeito, elas ainda não são vistas como se fossem tal. Aos olhos dos homens, as mulheres continuam vistas como o “outro” de duas únicas possíveis faces, assim a luta feminista continua a ter que se apresentar como luta, pois:

A partir do momento em que se torna livre, a mulher não tem outro destino senão aquele que ela cria livremente. A relação entre os dois sexos é, então, uma relação de luta. Tornando-se uma semelhante para o homem, apresenta-se como tão temível quanto no tempo em que era para ele a Natureza estranha [...] é o preço que paga o homem por se ter afirmado, com má-fé, como o único essencial (Beauvoir, 2016, p. 260).

Logo, se ser o “segundo sexo” é a colocação de um sujeito apenas como referente ao outro, para encontrar sua libertação as mulheres devem se colocar como sujeitos, encontrarem sua própria narrativa, criarem o que querem ser e lutarem politicamente contra as limitações que delegam às mulheres. Desta forma, é trabalho de cada mulher lançar olhar sobre todos os impositivos e mitos que lhe foram destinados e martelá-los, mas, ao mesmo tempo, criarmos o nosso destino através de tal movimento. Assim, olhar nossas pretensões, nos livrar das destinações impostas e por fim, criar a nossa história.

Referências

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**: Volume 1. 3 ed. Rio de Janeiro - RJ- Brasil: Nova Fronteira, 2016.

GRIFFIN, S. **Woman and nature**: the roaring inside her. [S.L.]: Sierra Club Books, 1978. 274 p.

WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. 2012 ed. Porto Alegre - RS - Brasil: L&PM, 2018. 106 p..